

PARA CONHECER A “LÍRICA” GREGA ARCAICA

Giuliana Ragusa (DLCV)

No universo da poesia grega antiga, apenas nos últimos anos tem recebido mais atenção no contexto acadêmico brasileiro aquela que, por questão de economia e hábito, se nomeia “lírica” nas publicações e mesmo nas grades curriculares. Essa designação, contudo, é moderna e equivocada, pois coloca sob a mesma égide, como se fossem um mesmo objeto, gêneros poéticos distintos – no período arcaico, a elegia, o jambo e a mélica. Tais gêneros vieram a ser chamados conjuntamente de “lírica”, ou de gêneros líricos, pela presença marcada da 1ª pessoa do singular, em contraste com os gêneros de poesia hexamétrica em evidência na era arcaica – a poesia épica, a hínica e outros gêneros; e essa característica foi sobrevalorizada na leitura romântica da poesia grega.

Rigorosamente, contudo, a elegia, o jambo e a mélica, somando-se aos referidos gêneros poéticos hexamétricos – compostos nesse metro e de matéria essencialmente mítica –, que têm todos na Grécia arcaica (c. 800-480 a.C.) seu grande momento, e ainda aos gêneros dramáticos (tragédia, comédia e drama satírico), que se sobressaem na era clássica (c. 480-323 a.C.), integram o universo da poesia grega antiga como gêneros autônomos e independentes, reconhecidos como tais na Antiguidade, e distintos em metro, matéria e adequação – esta incluindo o contexto e o modo de *performance*.

A propósito, vale notar que estamos aqui no cenário de uma poesia cuja composição e circulação se assentam fortemente, em especial na era arcaica, na oralidade, de tal sorte que a cultura poética grega até o século V a.C. pode ser definida como uma *song culture*¹. Nela, a poesia, em seus vários gêneros, recitada ou cantada (em solo ou coro), com acompanhamento de instrumentos (um ou mais) ou sem eles, com dança ou sem ela, na *performance* em ocasiões mais privadas, como os simpósios nas casas aristocráticas, ou mais públicas, como os simpósios palacianos e os festivais cívico-cultuais e públicos que se espalhavam nos calendários das *póleis* – a poesia era “o veículo principal para a disseminação de ideias morais, políticas e sociais”.

Enfocados em seu período mais importante – o arcaico –, do qual provêm seus poetas mais representativos – de Arquíloco (c. 680-640 a.C.) a Píndaro (c. 518-446 a.C.)

¹ HERINGTON, J. *Poetry into drama. Early tragedy and the Greek poetic tradition*. Berkeley: University of California Press, 1985, p. 3.

–, os três gêneros (elegia, jambo e mélica) inserem-se num mundo em que prevalece a oralidade sobre a escrita, tanto no modo e nas técnicas de composição que são tradicionais, quanto na circulação. Desse modo, configuravam-se como práticas discursivas amparadas na tradição e plenamente integradas à vida das comunidades em que desempenhavam papéis variados.

Editados séculos mais tarde, na célebre Biblioteca de Alexandria, principalmente pelo erudito Aristófanes de Bizâncio (c. 258-180 a.C.), os poetas admirados em cada gênero tiveram suas obras compiladas e organizadas em livros (em verdade, rolos de papiro) sob critérios variados. Formaram-se assim os cânones da elegia, do jambo e da mélica numa época – a helenística (c. 323-31 a.C.) – em que já prevalecia sobre a oralidade a cultura da escrita, e a poesia – antes recitada ou cantada de viva voz, para uma audiência presente no momento da *performance* – se tornara fundamentalmente texto. Foi nesse contexto que a velha designação *mélica* – derivada do grego *mélós* (canção), que ficou restrito ao universo da música – passou a concorrer com outro termo, *lírica* – derivada do grego *lýra*, o nome do instrumento de cordas de vários tipos, que prevaleceu no universo da literatura. A lira passa a ser, portanto, marca taxonômica de um passado distante e irrecuperável, de uma existência viva transfigurada no texto frio de versos metrificados, despidos da música, da dança, cada vez mais destinados aos olhos e ao silêncio, do que à voz e aos ouvidos – movimento que para a poesia, mesmo na cultura da escrita, resulta em perda, em virtude de sua natureza essencialmente oral.

A mélica – que virá a ser chamada cada vez mais de *lírica* após a edição na Biblioteca – é o gênero mais performático da poesia grega arcaica, destinado principalmente a ocasiões como os simpósios e os festivais. Trata-se da canção para *performance* com acompanhamento da lira, na modalidade solo, ou com acompanhamento de diversos instrumentos somados à dança, na modalidade coral.

A elegia, por sua vez, não coincide na era arcaica grega com o que entendemos hoje pelo termo e o modo como o usamos – para a poesia triste e lutuosa, como poderá ser a elegia da era clássica –, mas é gênero de difícil definição, similarmente ao que se passa com o jambo. O único critério unificador do *corpus* elegíaco grego arcaico é o métrico (o dístico elegíaco), e podemos indicar como características importantes a temática e linguagem variadas (mas nunca rebaixadas) e *performance* cantada ou recitada com acompanhamento do *aulós* (instrumento de sopro), nos simpósios ou festivais. Já o jambo se vale de três possibilidades métricas distintas (trímetro jâmbico, tetrâmetro trocaico e epodo), de uso recorrente da narrativa, de temática e linguagem

que podem ser elevadas ou rebaixadas, de vituperação e abuso – traço que se tornará o mais marcante no correr dos tempos –, destinando-se à *performance* sobretudo no simpósio, não sabemos se com acompanhamento de instrumento, mais recitada do que cantada (modo ligado aos jambos epódicos). O gênero, vê-se, é de complexa definição.

Finda aqui, esta breve introdução não pode deixar de apontar que os desafios relativos ao estudo da elegia, do jambo e da mélica (a lírica de fato) ultrapassam a questão da taxonomia, abarcando ainda as condições de produção e circulação, a edição tardia, a condição material do *corpus* preservado para cada um deles – em geral, bastante precária, com os textos fragmentados em diversos graus de intensidade –, a dificuldade de abordagem teórica e os equívocos de leituras modernizantes, o pouco conhecimento específico sobre os poetas e seus tempos e espaços, cujas vozes nos vêm de várias partes do mundo grego. Mas não há que temer esses desafios; há que enfrentá-los com preparo e coragem. As indestrutíveis vozes dos grandes poetas aguardam seus ouvintes, prontas a acolhê-los, oferecendo-lhes, generosas anfitriãs, o banquete imaterial da beleza indestrutível de seus versos que tantos séculos e tantas vicissitudes superaram.

O que abaixo segue é uma relação de leituras para preparar o leitor interessado a ouvir a elegia, o jambo, a mélica, com ouvidos mais apurados, para que melhor possam fruí-los. Tal relação de modo algum é exaustiva e poderá ser ampliada. Ressalto que, no caso dos estudos, privilegiei títulos em português – leituras básicas e outras mais verticais –, mas há títulos em inglês – leituras básicas e algumas mais aprofundadas e atuais –, todas acessíveis, não exigindo do leitor o conhecimento da língua grega. No caso das traduções, indiquei só as mais recentes, em nossa língua.

BIBLIOGRAFIA

ESTUDOS (E TRADUÇÕES)

Eis um elenco mínimo de estudos, alguns dos quais trazem também a tradução como ponto forte dos trabalhos, pois que se faz associada à análise de seus objetos.

- **ACHCAR, F. “Lírica e lugar-comum”. In: *Lírica e lugar-comum: alguns temas de Horácio e sua presença em português*. São Paulo: Edusp, 1994, pp. 25-56.**

Esta obra do latinista Francisco Achcar (Unicamp) é mais concentrada na poesia latina, mas o capítulo inicial aqui indicado faz boa discussão dos problemas teóricos e de nomenclatura da chamada “lírica” grega, abordando a natureza da poesia antiga (em

contraste com a moderna), a influência da leitura romântico-hegeliana nos estudos da “lírica” grega antiga, o problema da 1ª pessoa do singular.

- BOWIE, E. L. “Early Greek elegy, symposium and public festival”. *Journal of Hellenic Studies* 106, 1986, pp. 13-35.
- _____. “Early Greek iambic poetry: the importance of narrative”. In: CAVARZERE, A. *et alii* (orgs). *Iambic ideas*. New York: Rowman & Littlefield, 2001, pp. 1-27.

O artigo do helenista Ewan Bowie sobre a elegia é muito importante para a discussão do contexto de *performance* do gênero na era arcaica, argumento pelo simpósio como ocasião primordial da poesia elegíaca, salvo pelas mais longas e de caráter histórico, destinadas à *performance* nos festivais cívico-cultuais das *póleis* gregas. O capítulo de Bowie sobre o jambo arcaico, por sua vez, é também de relevância inquestionável, pois, na discussão sobre a problemática definição do gênero, chama a atenção, como não havia sido antes feito, para a força da narrativa como elemento de composição jâmbica. Ambas as leituras são mais densas do que introdutórias, e, nelas, os termos gregos são transliterados e traduzidos, em geral.

- BUDELMANN, F. (ed.). *The Cambridge Companion to Greek lyric*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

Trata-se do primeiro e aguardado *companion* da Cambridge à “lírica” grega – o termo é usado no sentido moderno, significando, portanto, obra sobre a poesia elegíaca, jâmbica, mélica (a lírica), principalmente, passando pelo epigrama e a canção popular.

De caráter bastante introdutório, razão pela qual o indico aqui, o *companion* é precedido por prefácio de Budelmann que discute o problema da nomenclatura (pp. xv-xvi) e por introdução aos gêneros mais importantes (elegia, jambo, mélica, epigrama), também de Budelmann (pp. 21-38). Em seguida, divide-se em três partes: a primeira, dedicada aos contextos e tópicos da poesia elegíaca, jâmbica e da mélica; a segunda, aos poetas e às tradições de cada gênero de relevo; a terceira, à recepção da elegia, do jambo e da mélica no mundo helenístico, em Roma e nos séculos após a Renascença até o XX.

Destaco os capítulos de Antonio Aloni (“Elegy”, pp. 168-8), que ao gênero se tem dedicado; de Chris Carey (“Iambos”, pp. 149-67; “Genre, occasion and performance”,

pp. 21-38), que faz boa apresentação do jambo e boa discussão sobre as condições em que se praticavam os gêneros da elegia, do jambo e da mélica arcaicos, bem como sobre a própria ideia de gênero, em se tratando de poesia antiga de tradição oral. Ainda, o de Giovan B. D'Alessio (“Language and pragmatics”, pp. 114-29), voltado a questões básicas da composição e *performance*, ambas profundamente inter-relacionadas no caso dos gêneros de poesia arcaica – ele se centrando na mélica, na elegia e no jambo; o de Barbara Graziosi e Johannes Haubold (“Greek lyric and early Greek literary history”, pp. 95-113), sobre questões básicas que concernem à relação dos gêneros “líricos” (elegia, jambo e mélica) com os demais gêneros poéticos; o de Mark Griffith (“Greek lyric and the place of humans in the world”, pp. 72-94), sobre a relação dos gêneros “líricos” (elegia, jambo e mélica) com o pensamento grego arcaico, o pensamento mítico; e o de Eveline Krummen (“Alcman, Stesichorus and Ibycus”, pp. 189-203), que introduz a mélica desses três poetas.

- **BRUNHARA, R. *As elegias de Tirteu. Poesia e performance na Esparta arcaica*. São Paulo: Humanitas, 2014.**

Rafael Brunhara (UFRGS) tem se dedicado ao estudo da elegia arcaica, notadamente a marcial de Tirteu (ativo em *c.* 650 a.C. em Esparta) e mais recentemente, em seu doutorado a simposial de Teógnis (ativo em *c.* 550 a.C. em Megara) e da coletânea de elegias compostas à sua maneira (*Teognideia*).

A introdução do livro acima indicado, basicamente sua dissertação de mestrado (FFLCH/USP), traz uma discussão bem feita sobre a elegia, em diálogo com bibliografia especializada. Termos gregos são transliterados e traduzidos, em geral. Os fragmentos da poesia elegíaca de Tirteu são estudados de modo claro e consistente, e o autor realiza traduções cuidadosas do poeta espartano.

- **CORRÊA, P. da C. *Armas e varões: a guerra na lírica de Arquíloco*. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Ed. da Unesp, 2009.**
- **_____. *Um bestiário arcaico: fábulas e imagens de animais na poesia de Arquíloco*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2010. (apoio: Fapesp)**

Esses dois livros concentrados no poeta elegíaco e jâmbico mais antigo do *corpus* de poesia grega preservado são essenciais, densos, dialogando com vasta bibliografia – o

primeiro consistindo na tese de doutoramento da Profa. Paula Corrêa (USP), especialista na área, e o segundo, em sua tese de livre-docência. Além das traduções de boa parte da obra fragmentária de Arquíloco, amparadas em profundo conhecimento do poeta e dos gêneros por ele praticados, os livros oferecem detalhados comentários filológicos executados com clareza e rigor, com olhar interdisciplinar, que movimentam elementos de dimensão histórico-social, econômica e filosófica, por assim dizer, com plena consciência da natureza fragmentária de seu objeto, e, portanto, das consequências disso resultantes.

Armas e varões abarca fragmentos jâmbicos e elegíacos do poeta em sua segunda parte, nos quais o tema é o da guerra – um dos mais importantes na poesia e prosa da Grécia antiga. Mas para o leitor interessado em dar um passo adiante na introdução à poesia de Arquíloco e, em verdade, à “lírica” grega arcaica, mais amplamente, destaco os capítulos iniciais – o breve “A fortuna crítica de Arquíloco de Paros na Antiguidade” (pp. 21-9) e “Homero e Arquíloco: leituras modernas da Grécia arcaica” (pp. 31-71). O primeiro apresenta o poeta e os problemas de seu estudo, enfocando sua recepção entre antigos; o segundo mergulha nos problemas teóricos e de denominação da “lírica” grega, a partir da comparação entre os poetas nomeados no título – em verdade, da relação complexa entre épica e “lírica” –, com ênfase na influência romântico-hegeliana, na questão da 1ª pessoa do singular, no biografismo, nas leituras modernizantes – seus perigos e equívocos. Em sua segunda edição (2009), vale dizer, *Armas e varões*, primeiramente publicado em 1998, traz em apêndice a tradução e comentário básico da “Elegia do Télefo”, um dos mais recentes fragmentos de Arquíloco, descoberto em 2004.

Quanto ao livro *Um bestiário arcaico*, dedicado à poesia jâmbica de Arquíloco, a qual corresponde à maioria absoluta de fragmentos de seu *corpus* que conta com bem poucos elegias (são menos de 20, contra mais de 270 jambos), destaco o capítulo inicial (“Introdução”, pp. 17-44). Nele, a helenista aborda a tradição da fábula (*aínos*) na Grécia antiga, que se encontra em diversos gêneros de distintos registros – elevados (a tragédia de Ésquilo), médios (a poesia didático-sapiencial dos *Trabalhos e dias*, poema de Hesíodo) e baixo (jambo de Arquíloco). E ainda discute a famosa saga de Licambes e suas filhas (Neobula e a “irmã mais nova”, cujo nome nos escapa), vítimas do poeta vituperador do jambo, que os teria levado ao suicídio pela vergonha pública, segundo reconta o anedotário antigo – saga esta lembrada também na abertura de *Armas e*

varões, pelo impacto na recepção de Arquíloco e na própria percepção sobre o gênero, entre antigos e modernos.

- **GUERRERO, G. *Teorías de la lírica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.**

O capítulo “De uma antiga herencia”, que abre o livro, é ensaio de fôlego que aborda a “lírica” grega antiga e alguns de seus problemas centrais: o estado material do *corpus*, em geral marcado pela precariedade; a falta de teorias antigas remanescentes; o problema de designação e de definição do objeto que é a lírica ou mélica; a mélica em Platão e Aristóteles; a edição na era helenística, na Biblioteca de Alexandria. Trata-se de discussão feita com propriedade e clareza, que funciona como ótima introdução mais densa à mélica grega.

- **HERINGTON, J. *Poetry into drama. Early tragedy and the Greek poetic tradition*. Berkeley: University of California Press, 1985, pp. 3-40.**

No estudo de John Herington, que busca compreender as tradições poéticas com as quais dialoga a tragédia ática vicejante no século V a.C., destaco o capítulo inicial, “Part I, 1. Poetry as a performing art” (pp. 3-40), sobre a cultura em que a poesia arcaica existiu – a “cultura da canção” (*song culture*), a que me referi na abertura deste Guia, que vigora até c. 450 a.C., na qual a poesia, recitada ou cantada na *performance*, desempenha papel importante na vida das comunidades com que estabelece contínuo diálogo, pois preserva e difunde “ideias morais, políticas e sociais” (p. 3), como bem ressalta o helenista, mostrando um caráter pragmático próprio à sua natureza de poesia oral, tradicional e pública.

- **MOST, G. W. “Greek lyric poets”. In: LUCE, T. J. (ed.). *Ancient writers: Greece and Rome*. New York: 1982, pp. 75-98.**

O capítulo do helenista Glenn Most é das mais consistentes realizações em termos de textos introdutórios à “lírica” grega antiga. Conciso, denso e acessível, o texto aborda os problemas teóricos e de nomenclatura da chamada “lírica” grega, centrando-se no sentido antigo do termo – logo, no gênero da mélica ou da lírica propriamente dita, a

canção. Most discute então a influência do Romantismo hegeliano na fortuna crítica do gênero, a questão da 1ª pessoa do singular, as leituras biografistas e modernizantes, a composição mélica em seus aspectos mais relevantes de metro, matéria e adequação (modo e contexto de *performance*), sua transmissão e sua edição na Biblioteca de Alexandria. No decorrer desse percurso, apresenta os poetas que formam o cânone dos *ennéa lyrikoí*, como passam a ser chamados a partir dos trabalhos de eruditos naquela célebre biblioteca: Álcman, Safo, Alceu, Estesícoro, Íbico, Anacreonte, Simônides, Baquírides, Píndaro – poetas que cobrem a faixa temporal de fins de 600 aos 440 a.C., e se espelham pela cartografia grega, continente, ilhas e colônias incluídos, provindo dos mundos dórico, lésbio-eólico e ático-jônico.

- **RAGUSA, G. *Fragmentos de uma deusa: representação de Afrodite na lírica de Safo*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2005. (Apoio: Fapesp)**
- **_____. *Lira, mito e erotismo: Afrodite na poesia mélica grega arcaica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. (apoio: Fapesp)**

Livros de leituras densas – elaborados, respectivamente, a partir da dissertação de mestrado e da tese de doutorado (USP) –, com diálogo constante com a bibliografia especializada, ambos trazem traduções de diversos fragmentos de poesia mélica (ou lírica), destacadas em apêndices. Tais fragmentos são objeto de comentário filológico detido, centrado no tema da representação de Afrodite e, portanto, do erotismo, em perspectiva que jamais perde de vista o caráter fragmentário das composições, que movimenta saberes colhidos na história e nos cultos, pertinentes às discussões, e que busca colocar a mélica em diálogo com os demais gêneros poéticos sérios das eras arcaica e clássica.

Destaco em *Fragmentos de uma deusa* a “Introdução” (pp. 17-20) e o capítulo “A lírica grega arcaica e Safo” (pp. 23-53). Aquela discorre brevemente sobre as dificuldades de estudar a chamada “lírica” grega, e de lidar com fragmentos. Este, sobre os problemas de abordagem teórica da “lírica” (ou mélica) de Safo, sobretudo da influência do Romantismo e dos estudos de gênero. Chamo a atenção ainda para o capítulo “A mulher e a sexualidade na Grécia arcaica” (pp. 55-78), que discute os problemas suscitados pela condição de Safo como poeta mulher – a única na era arcaica – da ilha de Lesbos.

Em *Lira, mito erotismo*, destaco o capítulo “Enredos de um objeto: em torno da mélica grega arcaica” (pp. 23-53), que trata dos problemas teóricos e de nomenclatura do

gênero; e “Cinco poetas e seus enredos” (pp. 55-97), que apresenta e discute o grupo de poetas mélicos (líricos) envolvidos no trabalho – Alcman, Alceu, Estesícoro, Íbico e Anacreonte –, considerando as práticas poéticas de cada um e seus contextos, a edição de seus *corpora*, a recepção de suas canções entre antigos e modernos, as questões mais relevantes ou ora em evidência na fortuna crítica.

- **SLINGS, S. R. “The *I* in personal archaic lyric”. In: ____ (ed.). *The poet’s I in archaic Greek lyric*. Amsterdam: VU University Press, 1990, pp. 1-30.**

Essa se concentra cerradamente no recorrente problema da 1ª pessoa do singular, mais marcante na elegia, no jambo e na mélica, do que em outros gêneros do mesmo período (notadamente, a epopeia), fato que suscitou o biografismo entre antigos e modernos – movidos por razões distintas – e sua circularidade crítica viciosa, a leitura romântico-hegeliana, as leituras em chave modernizante dos estudos culturais, e assim por diante. O helenista Simon Slings oferece em seu texto um bom panorama histórico do problema antes de abordá-lo; e ao enfrentá-lo, faz a essencial indagação sobre a validade da aplicação de teorias modernas da crítica literária – baseada justamente na literatura escrita para ser lida e circular na forma impressa – para a “lírica” arcaica (termo que usa no sentido moderno, abrangendo elegia, jambo, mélica), de natureza oral na circulação – destinada à *performance* – e nas técnicas de composição, baseadas fundamentalmente na oralidade e na tradição dos gêneros. A poesia é experiência estética, sem dúvida, distinta da comunicação ordinária, mas em condições muito diferentes estão o ouvinte no mundo da “cultura da canção”, da poesia tradicional e pragmática, e no mundo da escrita. Essa diferença crucial, sumariamente e introdutoriamente ressaltada em Achcar (indicado neste Guia), é por Slings discutida de modo aprofundado, ainda que conciso, e acessível.

- **SWIFT, L. A. *The hidden chorus*. Oxford: Oxford University Press, 2010.**

Voltado à discussão da relação entre a tradição arcaica de mélica (ou lírica) na modalidade de *performance* coral e as canções corais da tragédia ateniense do século V a.C., o livro de Laura Swift traz no capítulo “Understanding lyric genres” (pp. 1-34) uma clara, bem feita e atualizada discussão dos gêneros poéticos “líricos”, isto é, das espécies de poesia mélica (a lírica propriamente dita, a canção), e, decerto, da própria

ideia de gênero poético no universo da poesia grega arcaica e clássica, de tradição oral. Nesse sentido, é leitura que se soma ao capítulo sobre gênero, ocasião e *performance* poética de Chris Carey, no *companion* de Budelmann (2009) aqui indicado. Swift, como aquele helenista, ressalta a impossibilidade de definições precisas e rígidas, dados os *corpora* dos poetas, precários em graus de intensidade variados, de volume em geral reduzido, a não sobrevivência de obras antigas teóricas sobre a métrica e seus poetas – obras perdidas, mas havidas e sabidas, e sobretudo a própria natureza dos gêneros poéticos gregos antigos em geral, e da métrica, especificamente, pois não estamos diante de gêneros a serem vistos como “artifícios literários”, mas de gêneros “incrustados em contexto ritual e performativo” (Swift, p. 14). Gêneros que, notadamente no caso da métrica, a poesia mais performática da era arcaica, desempenham junto às comunidades funções precisas estranhas a gêneros que sejam “puramente literários” (Swift, p. 15), como a celebração da vitória (*nikē*) atlética (epinício), a celebração da boda, do enlace dos noivos sobre o tálamo nupcial (epitalâmio, “canção sobre o tálamo”), a celebração fúnebre (treno), a celebração das virgens (*parthénoi*) e sua exposição como esposas em potencial (partênio), canção de sedução de meninos (*paides*) por adultos simposiastas (*paidiká*), e tantas outras espécies métricas cuja composição, do ponto de vista interno, está intrinsecamente ligada à sua circulação na *performance*, do ponto de vista externo.

- SWIFT, L. A.; CAREY, C. (eds.). *Iambus and elegy. New approaches*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

Os editores dessa obra que reúne colaboradores especializados, que têm publicado constantemente sobre um ou outro ou ambos a elegia e o jambo, oferecem uma discussão atualizada de sua *performance*, da definição desses gêneros poéticos e de suas tradições, de suas relações com outros gêneros e linguagens (a epopeia, a narrativa mítica, o erotismo) poéticos, e, finalmente, de suas recepções na antiguidade.

TRADUÇÕES RECENTES – DE 2010 A 2017

- ANTUNES, C. L. B. (trad.). *Ritmo e sonoridade na poesia grega antiga: uma tradução comentada de 23 poemas*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2011.

Baseado quase que integralmente em sua dissertação de mestrado (USP), o livro de Leonardo Antunes (UFRGS), que vem se dedicando à tradução poética com ênfase na dimensão musical da poesia antiga, oferece ao leitor uma seleção – pautada sobretudo pela “afinidade pessoal com os poemas” (p. 29) – de fragmentos elegíacos, jâmbicos e métricos traduzidos, e explicação dos procedimentos adotados no empenho de “fazer uma tradução poética (...) que, com sorte, um dia talvez possa ser musicada junto com os originais por alguém com maior competência musical” (p. 26). A preocupação do estudioso e tradutor revela-se na organização dos poemas e fragmentos em blocos pensados pelo critério métrico – logo, rítmico. Estão contemplados Tirteu, Arquíloco, Sólon Mímmerno, Teógnis, Safo, Semônides, Anacreonte, Píndaro.

- **GONTIJO, G. (org., trad.). *Safo. Fragmentos completos*. São Paulo: Editora 34, 2017.**

Trata-se de trabalho de tradução rítmica ou poética de toda a métrica de Safo, incluindo os fragmentos ilegíveis, em edição bilíngue, que arrola, ademais, testemunhos antigos sobre a poeta, e admite os fragmentos de incerta autoria (são de Safo ou Alceu, seu contemporâneo em Lesbos). Há um apêndice sobre os metros praticados por Safo. E a breve introdução explica os objetivos do latinista Guilherme Gontijo (UFPR), e busca situar sua obra no cenário brasileiro de traduções da poeta.

As traduções são acompanhadas de notas, algumas só indicando as fontes dos fragmentos, outras sobre os textos gregos e as opções de tradução.

- **RAGUSA, G. (org., trad.). *Safo de Lesbos. Hino a Afrodite e outros poemas*. São Paulo: Hedra, 2011.**
- **_____. (org., trad.). *Lira grega: antologia de poesia arcaica*. São Paulo: Hedra, 2014.**

Essas duas antologias foram feitas para o leitor interessado não necessariamente especializado, para apreciadores da poesia, para alunos de graduação em Letras e áreas afins.

Em *Safo de Lesbos. Hino a Afrodite e outros poemas*, todos os fragmentos minimamente legíveis de Safo são traduzidos e apresentados com breves notas de orientação de leitura e compreensão.

Em *Lira Grega*, são apresentadas traduções com notas e comentários, precedidas pelas apresentações individuais de cada um dos nove poetas canônicos da mélica (a lírica de fato) arcaica: Alcman, Safo, Alceu, Estesícoro, Íbico, Anacreonte, Simônides, Baquilides e Píndaro.

Ambas as antologias trazem bibliografias enxutas e pontuais. E seus respectivos capítulos iniciais – “Introdução: Safo revisitada” (2011, pp. 9-70), em *Safo de Lesbos*; “Mélica grega arcaica” (2013, pp. 11-35), em *Lira grega – se beneficiam dos estudos aprofundados da maior parte dos poetas e do gênero mélico nos livros prévios de Ragusa Fragmentos de uma deusa* (2005) e *Lira, mito e erotismo* (2010). São leituras mais condensadas, e ademais atualizadas, que encaminham os primeiros passos na direção de um dos três grandes gêneros ditos “líricos” da Grécia arcaica – a mélica (ou seja, a lírica de fato).

- **VIEIRA, T. (trad.). *Lírica grega hoje*. São Paulo: Perspectiva, 2017.**

Essa antologia usa o termo “lírica” em sentido moderno, pois, contemplando fragmentos de poetas elegíacos, jâmbicos e mélicos, propõe-se à sua tradução poética, como explica a introdução, em que discute as diferenças entre essa linha de trabalho e a prevalente tradução acadêmica. Ao voltar-se à “lírica”, o helenista Trajano Vieira (UNICAMP), que já publicou a tradução de diversas tragédias gregas, de algumas comédias e da *Odisseia*, propõe uma prática que busca revelar, nos versos traduzidos para nossa língua, “algo do sabor presente nos originais” (p. 27). Os fragmentos não são comentados ou anotados. Os poetas da antologia são Arquíloco, Simônides, Mimnermo, Alcman, Alceu, Safo, Estesícoro, Íbico, Anacreonte, Hipônax, Simônides.